



## Modos de vida de populações de origem germânica no Espírito Santo: A produção audiovisual como método de investigação antropológica

*Lifestyles of german descendent population in the state of Espírito Santo:  
The ethnographic documentary production as anthropological research method*

### Resumo

O Projeto Produção de Documentário Etnográfico visa à realização de vídeos que tenham como foco investigar, registrar e documentar os modos de vida da população de origem germânica vivendo em comunidades isoladas no Estado do Espírito Santo. As atividades do projeto foram iniciadas em 2014 e envolveram alunos dos cursos de Comunicação Social e de Música da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e jovens estudantes da comunidade da Mata Fria, em Afonso Cláudio. O objetivo foi não só dar oportunidade aos alunos de pôrem em prática os ensinamentos adquiridos em sala de aula, como também estimular os jovens da comunidade a elaborarem uma visão de si mesmos, de seu lugar e de sua vida por meio da linguagem do audiovisual. Palavras-chave: Linguagem e Produção Audiovisual. Antropologia da Imagem. Ensino-aprendizagem. Comunidades Germânicas no Espírito Santo.

### Abstract

*The Ethnographic Documentary Production Project seeks the realization of videos that are either focused investigate, record and document the lifestyles of German descent population living in isolated communities in the state of Espírito Santo. Project activities were initiated in 2014 and involved students of Social Communication courses and Music of the Federal University of Espírito Santo (UFES) and young student of the Mata Fria community in Afonso Cláudio. The objective was to not only provide an opportunity for students to put into practice the lessons learned in the classroom, but also stimulate the community's young people to develop a view of themselves, their place and their life through the audiovisual language.*

*Keywords: Language and Audiovisual Production. Anthropology Image. Teaching and Learning. Germanic Communities in Espírito Santo.*

Manuela Lopes Santos Neves

Universidade Federal do Espírito Santo.  
Rua Maria Eleonora Pereira, 95, apt. 202.  
Cep: 29060-180, Jardim da Penha, Vitória-ES.  
Telefone: (27) 3376492 Celular: (27) 981115414  
email: manuela\_lsn@yahoo.com.br

## INTRODUÇÃO

O Projeto Produção de Documentário Etnográfico é resultante da parceria entre o Departamento de Comunicação Social e o Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e tem como objetivo lançar um olhar antropológico sobre a pesquisa em saúde baseada em estudos de longo prazo, em que a observação sobre os modos de vida e o conhecimento dos anseios individuais e coletivos são elementos fundamentais à compreensão das condições de bem estar de grupos humanos homogêneos.

Extensão do Projeto ELOS (Estudo Longitudinal de Saúde de Populações de Origem Germânica no Estado do Espírito Santo) – cujo propósito é elaborar um conhecimento profundo e integrado sobre saúde, meio ambiente e cultura que tenha como objeto populações capixabas vivendo em comunidades geograficamente isoladas, sobretudo aquelas de origem germânica – o projeto consiste em uma experiência de ensino e aprendizado a partir da realização de oficinas de audiovisual, que busca, por um lado, contribuir para a formação profissional e humana dos alunos da universidade e, por outro, capacitar estudantes de escolas da rede pública, localizadas nestas comunidades, em produção audiovisual, na intenção de que o olhar deles sobre o seu próprio ambiente e a sua cultura seja mais um elemento de desvendamento dos modos de vida dessas populações e, sobretudo, permita que os sujeitos da pesquisa sejam também seus protagonistas.

Para o aluno do curso de Comunicação Social, o projeto oferece uma oportunidade de compreender a produção de imagens, visuais ou audiovisuais, como metodologia científica, na linha da Antropologia Visual e da Imagem, que busca alinhar a realização do produto audiovisual aos métodos da pesquisa antropológica e das técnicas de observação em campo e pesquisa participante.

Nesta primeira edição do projeto, as oficinas e a produção de vídeo contemplaram a comunidade da Mata Fria, no município de Afonso Cláudio, local em que o Projeto ELOS já vem atuando. A comunidade conta com cerca de 500 habitantes, em sua maioria de origem pomerana, e tem na agricultura a sua principal atividade econômica. Por ser uma comunidade pequena, de difícil acesso e em que prevalece a rotina do trabalho na lavoura, são praticamente inexistentes as ofertas de atividades que estimulem a expressividade dos jovens para além do espaço da escola. É neste sentido que o projeto pretendeu não só prover alunos de escolas públicas locais com o conhecimento prático da produção audiovisual, mas garantiu ainda a doação à comunidade de equipamentos de captação de som e imagem. Esperamos com isso que o conhecimento adquirido possa permanecer e estimular o desenvolvimento da expressão artística e cultural dos jovens da comunidade e mesmo contribuir na sua formação, “possibilitando que o estudante possa ser protagonista na investigação e na busca de respostas em um processo autônomo de (re)construção de conhecimentos”, em conformidade com o inciso terceiro do artigo 13º das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, do Ministério da Educação.

## Antropologia visual

É importante ressaltar a adequação do filme documentário aos propósitos da pesquisa no âmbito do Projeto Elos, na medida em que este oportuniza o registro e documentação de aspectos sociais e atuais de dada realidade. De acordo com Bill Nichols,

*(...) literalmente, os documentários dão-nos a capacidade de ver questões oportunas que necessitam de atenção. Vemos visões (filmicas) do mundo. Essas visões colocam diante de nós questões sociais e atualidades, problemas recorrentes e soluções possíveis. O vínculo entre o documentário e o mundo histórico é forte e profundo. O documentário acrescenta uma nova dimensão à memória popular e à história social. (2005, p. 29)*

Nichols aponta ainda outra característica do documentário que vai ao encontro dos propósitos da pesquisa no campo da cultura no Projeto Elos. Segundo ele, no filme documentário, as pessoas “são tratadas como atores sociais: continuam a levar a vida mais ou menos como fariam sem a presença da câmera. Continuam a ser atores culturais e não artistas teatrais. Seu valor para o cineasta consiste (...) no que a própria vida dessas pessoas incorpora” (p. 31).

A adequação do filme documentário para a pesquisa no campo da antropologia pode ser compreendida pela colocação de João Rapazote, quando afirma que:

*Existe uma (...) faceta [da Antropologia Visual], aqui apelidada de “produtora”, que consiste no uso e produção de material visual próprio como instrumento metodológico, seja ele em forma de fotografia, filme ou vídeo, reconhecendo-se a esses meios a capacidade de captar de forma mais efectiva e compreensível, mais completa e duradoura, muito daquilo que faz parte de uma cultura. (2007, p. 84)*

Partimos então do pressuposto que registrar e conhecer são etapas de um mesmo processo, em que o conhecimento vem daquilo que se capta, daquilo que se revela à câmera. Assim, além de registro e documentação, o filme documentário se mostra como método adequado à investigação de natureza antropológica, sobretudo pela metodologia da pesquisa participante. Nesta modalidade, o pesquisador não só compartilha do ambiente investigado, mas também possibilita que o sujeito da investigação participe diretamente do processo de realização da pesquisa, de forma que os resultados se revertam em seu benefício, na medida em que serão estimulados a elaborar uma visão de si mesmos, de seu lugar e de sua vida.

De acordo com Ribeiro (2007), o filme documentário de viés etnográfico “abarca uma grande variedade de utilização da imagem animada aplicada ao estudo do Homem na sua dimensão social e cultural”. Segundo o autor, os métodos de realização do filme etnográfico são variados mas, em geral, assentam-se em princípios fundamentais como “a inserção no terreno ou meio estudado,

uma atitude não diretiva fundada na confiança recíproca valorizando as falas das pessoas envolvidas na pesquisa, uma preocupação descritiva baseada na observação e escuta (p. 7).”

Entendemos que pela prática da produção de documentário audiovisual de viés etnográfico destaca-se o caráter humano e social da experiência que coloca sujeitos de diferentes origens em um diálogo que busca o conhecimento e a compreensão do outro. A pesquisa etnográfica requer, assim, seguir com responsabilidade e atitude ética entre os sujeitos nela envolvidos. Fazer etnografia é como ser convidado a entrar na casa do outro e escutá-lo. Na experiência do projeto na Mata Fria, não só fomos convidados, como convidamos nossos anfitriões a entrar no universo daquilo que tínhamos a oferecer – o conhecimento acadêmico, e participar na elaboração e construção do produto final – um filme documentário experimental que, afinal, nada mais é do que um pequeno retrato deles mesmos.

Acreditamos que na troca que deriva de toda pesquisa participante está contida ainda a experiência de ensino-aprendizagem, que se não técnica, pelo menos contribui no sentido de oferecer àquele que dela participa não só o aprimoramento profissional, mas, sobretudo uma vivência social e cultural que em geral se dá em ambientes diferentes daqueles de origem do pesquisador. É neste sentido que a experiência de ensino, mais que apenas técnica, é também uma experiência de aprendizado social e humano, acentuada em aspectos de confiança e colaboração necessários para que se alcance um resultado positivo pelo trabalho coletivo, que afinal é próprio da produção audiovisual.

## **METODOLOGIA**

As atividades práticas do Projeto Produção de Documentário Etnográfico foram realizadas em três fases: as oficinas de linguagem e produção audiovisual; a produção audiovisual propriamente; e a edição e finalização do produto audiovisual. A equipe de monitores foi formada por quatro alunos do curso de Comunicação Social (Cinema e Audiovisual) e um aluno do curso de Música da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). A equipe contou ainda com a participação de uma aluna do curso de Jornalismo (para registro e divulgação das atividades do projeto) e uma jornalista recém-formada, que produziu um ensaio fotográfico retratando pessoas da região.

O grupo de participantes foi formado por dez jovens da comunidade da Mata Fria, em idades entre 14 e 27 anos, sendo nove estudantes do ensino médio e uma estudante do ensino fundamental. O máximo de conhecimento que eles tinham das técnicas audiovisuais resumia-se em registro feitos a partir de aparelhos de celular ou smartphones. Nenhum deles informou conhecer a linguagem do cinema e as técnicas e métodos de produção audiovisual. O que todos demonstraram foi um interesse genuíno não só em aprender a técnica, mas também em obter conhecimentos sobre aquilo que poderia compor o conteúdo do produto final.

## **Oficinas**

A organização e logística das oficinas foram realizadas pela coordenação do Projeto e pelo Departamento de Comunicação da UFES, incluindo transporte, alimentação, hospedagem, disponibilização de infraestrutura e material pedagógico. As oficinas aconteceram nas dependências da Escola Estadual de Ensino Médio Mata Fria.

A primeira fase das oficinas foi realizada em três dias. O objetivo foi introduzir aos participantes o conhecimento sobre a linguagem do cinema e nas técnicas básicas de produção audiovisual, além de iniciar a construção do roteiro. O conteúdo foi todo baseado na apostila “Cinema para todos: oficina vídeo interatividade”, elaborada pelo ICEM – Instituto Cultura em Movimento, em parceria com as Secretarias de Cultura e de Educação do Estado do Rio de Janeiro e disponível em [www.cinemaparatodos.rj.gov.br](http://www.cinemaparatodos.rj.gov.br). A escolha desse material didático deu-se porque seu conteúdo mostrou-se adequado aos objetivos do projeto e ao nível de conhecimento dos participantes, uma vez que serve como introdução e iniciação na linguagem e produção audiovisual, e pelo caráter prático e instrumental contido.

As oficinas ficaram assim organizadas quanto aos assuntos a serem ministrados, locais, datas, participantes e metodologia:

### **Oficina I: História do Cinema**

Reprodução da imagem e a imagem em movimento; a tecnologia e os primeiros filmes; a “invenção” do cinema e o desenvolvimento da linguagem audiovisual; cinema mudo e cinema sonoro; escolas e gêneros. O desenvolvimento da técnica e as tecnologias digitais.

Esta oficina foi realizada em sala de aula da Escola Mata Fria no dia 18 de outubro de 2014. Ela teve duração de duas horas e foi ministrada para todos os participantes por duas monitoras, estudantes do curso de Cinema e Audiovisual da UFES. Seu caráter foi mais teórico do que prático.

Métodos e material adotados: exibição de filme, apostilas, projetor.

### **Oficina II: A Linguagem do Cinema**

Significação no cinema, processos narrativos, sintaxe, planos, enquadramentos, movimentos de câmera, som e luz. Com duração de quatro horas e também realizada no dia 18 de outubro em sala de aula, esta oficina foi dividida em duas partes. Na primeira, com duração de duas horas, buscou-se introduzir os participantes na feitura prática do produto audiovisual, desde a concepção do roteiro ao uso de equipamentos de filmagem e captação de som. Na seguinte, após o intervalo de almoço, os participantes foram divididos em grupos de em dois em dois de acordo com a função que exerceriam na equipe de produção e receberam orientação dos monitores da UFES. Assim, cada dupla de participantes recebeu a orientação específica sobre produção, sobre escrita de roteiro, sobre direção, direção de fotografia e som. Esta etapa foi realizada em sala de aula e ao ar livre, nas imediações da Escola Mata Fria.

Métodos e material: exibição de filme, apostilas, equipamentos (câmeras, microfones, gravadores, projetor).

### Oficina III: Desenvolvimento do Tema

A pesquisa no documentário. Oficina realizada no dia 19 de outubro que abordou a fase de pré-produção, como construção do argumento e conteúdo do produto audiovisual. Durou cerca de duas horas e foi realizada em sala de aula com participação de todos os envolvidos no projeto.

Métodos e material: dinâmica em grupo para debater sugestões do conteúdo do vídeo, apostila.

### Oficina IV: Oficina de Roteiro

A construção da narrativa. Tema, sinopse, argumento, escaleta, roteiro. Realizada em sala de aula no dia 19 de outubro, teve duração de duas horas e 40 minutos.

Métodos e material: exercício de criação, apostila.

As atividades das oficinas, além de aulas expositivas, contaram, também, com exercícios práticos para que os jovens da comunidade pudessem adquirir o conhecimento básico necessário para manipular os equipamentos de captação de imagem e som. O roteiro do documentário também foi sugerido e estruturado nesta fase através de dinâmica em sala de aula, o que serviu para aproximar monitores e participantes. Esta foi uma atividade fundamental para os objetivos do projeto, pois foi o momento em que os participantes, estimulados pelos monitores, identificaram e apontaram os pontos que para eles compõem um retrato do cotidiano, da cultura e da história dos moradores da Mata Fria. Para os alunos da UFES, foi o momento de perguntar e escutar.

É importante frisar que a responsabilidade e atribuições de cada monitor foi acordada entre os alunos da UFES, de acordo com suas aptidões e vocações. Esta distribuição de tarefas foi discutida com a coordenação do projeto nas reuniões de planejamento das atividades, realizadas nos dois meses que antecederam a primeira viagem a Mata Fria, em outubro de 2014.

### Produção

Para a segunda fase, os jovens participantes receberam uma função dentro da equipe de produção, que ficou assim formada: um produtor e um assistente de produção, um diretor e um assistente de direção, duas técnicas de som e uma assistente de som, três fotógrafos. Cada função e assistência exercida durante as filmagens foi acompanhada por um monitor, na intenção de que o conhecimento aprendido nas oficinas pudesse ser melhor apreendido com a orientação prática.

Com os produtores indicados ficou a responsabilidade do convite aos moradores para participar das entrevistas e atividades pensadas no roteiro, além da atribuição de providenciar e verificar os locais das locações. As entrevistas focaram, sobretudo, no trabalho diário na lavoura. Quatro lavradores relataram as condições de trabalho e distribuição da colheita. Focou-se também na memória de moradores mais antigos sobre as condições de vida e trabalho nos primeiros anos em Mata Fria. Outro aspecto abordado foram as tradições pomeranas, como a música e a língua.

As filmagens foram iniciadas duas semanas após o término das oficinas e transcorreram em três dias, sendo em 31 de outubro e um e dois de novembro, de acordo com o roteiro e plano de produção.

### Edição

A edição e finalização do vídeo foram realizadas nos laboratórios da UFES, com a participação apenas dos monitores, já que não seria viável a vinda e permanência dos jovens de Mata Fria para acompanhar esta etapa. Essa etapa foi realizada nos meses de fevereiro e março e teve duração de 35 horas distribuídas em duas semanas. Na fase de oficinas, eles fizeram um esboço do roteiro de edição e receberam noções básicas para utilização de programas de edição de vídeos, como “Première”.

### RESULTADOS

Na primeira experiência do Projeto Produção de Documentário Etnográfico buscou-se trabalhar a produção audiovisual como testemunho e registro documental do cotidiano de Mata Fria, a partir de roteiro construído nas oficinas e sugerido pelos participantes locais, ou seja, jovens moradores da comunidade. Essa experiência resultou em um vídeo de 20 minutos e 40 segundos que, além de registrar aspectos da cultura pomerana, ainda preservada em comunidades isoladas no Espírito Santo, retrata o cotidiano de uma vila agrícola em que prevalece a pequena propriedade e o trabalho familiar e diário na lavoura.

Segundo Tressmann e Bahia (1999), esta é uma realidade de muitas das famílias dos descendentes de pomeranos no Espírito Santo que ainda hoje, como seus antepassados, têm na agricultura sua principal base de sustentação. Nos depoimentos tomados dos moradores locais, percebemos que a realidade da comunidade de Mata Fria não difere do quadro descrito abaixo pelos autores:

*Recordamos que no dia-a-dia das comunidades pomeranas, muitos reclamam das condições em que realizam o comércio na Ceasa, se preocupam com os preços das verduras, não possuem assistência médica, (...) trabalham de sol a sol e quase nada recebem em retorno. Vemos meeiros sem terra, filhos sem herança, o alto índice de alcoolismo e a entrada de novas Igrejas na região, mostrando que muita coisa andou mudando entre os pomeranos. Eles não pensam somente em comida “típica”, dança “típica”, ou em falar uma língua “típica”. (TRESSMAN; BAHIA, p. 2, 1999).*

O que pudemos constatar pelos registros feitos é que vilas pomeranas, como a Mata Fria, apresentam os mesmos problemas e questões de vilas agrícolas no Espírito Santo e, possivelmente, em várias vilas agrícolas por todo o Brasil, onde predomina o trabalho em família, geralmente iniciado ainda na infância, com suas rotinas de jornadas intensivas na lavoura e onde é comum a exposição aos agrotóxicos, aplicados geralmente sem nenhuma proteção. O que os difere, talvez, sejam as tradições que ainda permanecem presentes nestas comunidades,

sobretudo entre as pessoas mais velhas ou idosas, como a língua pomerana. Mas no mais, os descendentes vivem uma realidade que é brasileira.

*Reviver a Pomerânia e as chamadas tradições eslavas e germânicas faz parte das atividades culturais das comunidades pomeranas (...). Depois de muitos anos e de gerações de pomeranos no Brasil, a Pomerânia sonhada não é a Pomerânia do mar Báltico, mas aquela que foi criada no Brasil. As montanhas, a roça, as paisagens da Pomerânia são aquelas que foram construídas através da memória dos avós e do trabalho árduo na terra, desenvolvido no Estado do Espírito Santo. Muito mais do que sonhar com o mar Báltico, os pomeranos sonham acordados com a realidade que criaram no Brasil. A Pomerânia é aqui! (TRESSMANN; BAHIA, 1999, p. 3).*

#### **Vídeos, fotos e textos: registro e memória do projeto**

O Projeto resultou ainda em outros dois produtos: um vídeo de 20 minutos com registro das etapas de oficinas e de produção – o making of – e um ensaio fotográfico com retratos de rostos e semblantes de moradores locais. Este ensaio foi um projeto pessoal da ex-aluna do curso de Comunicação, mas que está integrado ao material gerado pelo projeto e que certamente servirá aos propósitos de investigação etnográfica. A estes materiais, juntam-se, ainda, os registros fotográficos e textuais (reportagens) realizados na comunidade e das atividades e ações em Mata Fria, produzidos pela equipe da UFES, e que são documentos que servem à memória do projeto nesta sua primeira etapa.

#### **Avaliação**

Um aspecto que vale ressaltar é o significado desta experiência para os alunos da UFES. Pelo formulário de avaliação do aluno, todos consideraram que o Projeto foi importante para o seu desenvolvimento pessoal e acadêmico, na medida em que ajudou a confrontar a formação teórica com a prática e a inserção social da profissão, como registra essa fala de um dos participantes:

*“Também do ponto de vista acadêmico, para nós futuros comunicadores o contato com a sociedade, é de extrema importância para nossa formação”.*

Outra questão que ficou evidente nas conversas da equipe foi a oportunidade de conhecer mais o Estado do Espírito Santo, sobretudo suas pequenas comunidades e vilas. Essa oportunidade de conhecimento e interação com a comunidade do local de realização do projeto foi bastante positiva para o grupo, tendo um dos participantes revelado que:

*“Se não fosse o projeto, jamais saberia da existência da comunidade de Mata Fria.”*

#### **DISCUSSÃO**

A concepção do projeto Produção de Documentário Etnográfico foi apoiada na convicção de que a experiência extra sala de aula e para além dos pátios e campus de escolas e universidades atende aos objetivos da extensão universitária, definida pelo Fórum Nacional de Pró-reitores de Extensão (FORPROEX) como “processo educativo, cultural e científico, articulado de forma indissociável ao ensino e à pesquisa e que viabiliza uma relação transformadora entre a universidade e a sociedade”.

Para o aluno universitário, talvez o maior desafio tenha sido a elaborar o conhecimento acadêmico adquirido em sala de aula de forma que pudesse ser compreendido pelo outro e que vive uma realidade diferente da sua. Por isso, a opção pela abordagem da pesquisa participante, pela inserção do pesquisador no ambiente do pesquisado, foi uma exigência não só pedagógica, mas também do objetivo do projeto. Desta forma, desde o primeiro dia de oficina até as últimas filmagens realizadas na comunidade e durante todo o período de realização prática do projeto, a convivência entre os dois grupos de jovens – os estudantes de Mata Fria e os alunos da UFES – foi constante. Do café da manhã ao lanche do final do dia, todos os envolvidos no projeto compartilharam informações, tarefas e momentos de descanso e descontração. Isso permitiu que a interação entre eles fosse espontânea, mas obviamente orientada para os objetivos do projeto.

Acreditamos que com os equipamentos doados à comunidade sob a guarda e responsabilidade da Escola Estadual de Ensino Médio Mata Fria, o conhecimento teórico e prático recebido pelos estudantes possa ser compartilhado entre os jovens da comunidade e mesmo ser apropriado como atividade de disciplinas regulares do currículo escolar ou como atividade extracurricular.

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É importante frisar que esta é a primeira ação do projeto Produção de Documentário Etnográfico, de registro audiovisual dos modos de vida de populações vivendo em comunidades geograficamente isoladas no Espírito Santo, sobretudo aquelas de origem germânica. Os dados, informações e registros realizados irão servir para formar um arcabouço documental que será incorporado ao ambiente de pesquisa do Projeto ELOS, para auxiliar na pesquisa de longo prazo que os estudos em saúde exigirão. Não tivemos, assim, a pretensão de realizar uma investigação acabada, pois sabemos ser necessário aprofundar a pesquisa para que possamos desenhar um painel mais nítido e rico sobre a vida em pequenas comunidades germânicas no Espírito Santo. Nosso objetivo é que este projeto seja levado a outras comunidades capixabas geograficamente isoladas, no sentido de que a linguagem do audiovisual possa ser incorporada como elemento de investigação científica e prática de ensino e aprendizado, e que contribua para a formação de estudantes universitários.

Por outro lado, acreditamos que o projeto Produção de Documentário Etnográfico tem potencial para estimular e mesmo gerar a produção de vídeos pelos jovens das comunidades onde o projeto estiver sendo oferecido.

Vale acrescentar ainda que experiência em Mata Fria nos fez ver, também, que a fotografia e a reportagem jornalística poderão vir a ser incluídas como práticas de investigação e documentação, podendo ser inclusive incluídas em oficinas práticas como novos conhecimentos ofertados nas futuras edições do projeto. Esperamos, com isso, ver o projeto replicado e ampliado para outras comunidades de origem germânica e mesmo para grupos homogêneos remanescentes de culturas originais que, afinal, são também formadoras da identidade capixaba.

#### REFERÊNCIAS

**BRASIL. Ministério da Educação.** Resolução nº 2, de 30 de janeiro 2012. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Disponível em: <[http://pactoensinomedio.mec.gov.br/images/pdf/resolucao\\_ceb\\_002\\_30012012.pdf](http://pactoensinomedio.mec.gov.br/images/pdf/resolucao_ceb_002_30012012.pdf)>. Acesso em: 30 mai. 2015.

**FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS.** Política Nacional de Extensão Universitária. Manaus: Editus, 2012.

**MANFREDI, Sílvia Maria.** Metodologia do ensino: diferentes concepções. Campinas -SP: F.E./UNICAMP, mimeo, 1993. Disponível em: <<https://www.fe.unicamp.br/formar/wp-content/uploads/2012/08/METODOLOGIA-DO-ENSINO-diferentes-concep%C3%A7%C3%B5es.doc>>. Acesso em: 07 abr. 2015.

**NICHOLS, Bill** Introdução ao documentário/Bill Nichols; tradução Mônica Saddy Manins. - Campinas. SP: Papi-rus, 2005. - (Coleção Campo Imagético).

**RAPAZOTE, João.** Antropologia e documentário: da escrita ao cinema. In: Doc On-line nº 03. Portugal, 2007. Disponível em: <<http://www.doc.ubi.pt/03/doc03.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2015. ISSN: 1646-477X;

**RIBEIRO, José da Silva.** Jean Rouch - Filme etnográfico e Antropologia Visual. In: Doc On-line nº 03. Portugal, 2007. Disponível em: <<http://www.doc.ubi.pt/03/doc03.pdf>>. ISSN: 1646-477X. Acesso em: 08 abr. 2015.

**TRESSMANN, Ismael; BAHIA, Joana.** A Pomerânia é aqui! O Semeador, Vitória, v.14, n.32, p.2-3, 1999.

